

'Juros não caem com a política que está aí'

— Chegaremos a baixar a taxa de juros?

Conceição Tavares — Tampouco chegaremos a baixar a taxa de juros com a política que está sendo feita. Você não pode tabelar a taxa de juros e depois, na outra ponta, no open, puxar a taxa para cima. Obviamente surge a desintermediação financeira, o mercado paralelo, off, por fora... Mas nenhum empresário vai se submeter a uma regra dessas. Está se convertendo o mercado num mercado especulativo: ninguém mais aplica nada, está parando o investimento. Havia uma entrada média prevista de US\$ 1,5 bilhão a US\$ 2 bilhões de investimentos diretos estrangeiros e não vai ter. Há multinacionais se retirando do País. Estamos caminhando para a solução argentina.

— Mas como explicar isto? Acha que a argentinização da economia do Brasil é proposital?

Conceição Tavares — A única coisa que se pode dizer é que o ajuste, realmente, não é este. O que eles querem é desindustrializar o País, quebrar o setor nacional, vender as estatais, abrir para os bancos estrangeiros. Parece ser o projeto Campos. E muito estranho porque se exprime uma intenção de reajuste que não é de reajuste do balanço de pagamentos. E como foi feito no Chile e na Argentina: se mete a escavadeira e se acaba com 20 anos de industrialização. Como nós somos um País muito grande, temos muito capital estrangeiro e uma indústria pesada, a gente achava, há um ano e meio, que isto era impossível: todo mundo achava que o Brasil não iria repetir a performance da Argentina e do Chile. Mas está repetindo. Nós já desindustrializamos a nossa economia: já estamos com o emprego industrial a nível de 1973, já estamos com a produção indus-

trial a nível de 1978. Hoje há um consenso entre os economistas que se prezam: o País não aguenta mais três anos de recessão. Isso destrutura a economia inteira.

— Pára o País e substitui tudo isto pelo quê?

Conceição Tavares — A gente não gosta de ser paranóico, mas ao que tudo indica... Há, por um lado, muita incompetência técnica, muito medo, muita incompetência nas negociações. Não foi o Fundo Monetário que mandou o Brasil fazer os projetos III e IV: uma coisa que não tem pé nem cabeça. Nenhum país atrelou o crédito comercial ao sindicato dos bancos e à renegociação da dívida. Nós estamos exportando mais do que importamos, então merecemos crédito comercial. Nós pagamos nossas importações com sobras.

— Mas o Governo tem o controle dessas empresas, nem todas as ações estão no mercado.

Conceição Tavares — E, mas parece que o Estado não tem uma percentagem tão alta de controle quanto o necessário. Se você levar em conta a dívida externa dessas empresas... O Governo não estatizou a dívida, como fez o México. Com as empresas endividadas com os bancos, corremos o risco de elas serem tomadas patrimonialmente. Isto é outra coisa fantástica. O Governo poderia retirar a dívida interna em dólar, substituindo-a por dívida pública interna em cruzeiros. E o Banco Central assumiria, soberanamente, a dívida do Brasil, como fez o México. Quem deve agora é o Governo do México, eles não podem penhorar o Governo do México.

As cláusulas secretas do acordo são muito duras, mas há concessões. Há quem diga que no projeto de ajuste estrutural está, na verdade, isto: desnacionalizar as empresas estatais, deixar entrar os bancos estrangeiros e parar a indústria de ponta — a indústria de bens de capital, a indústria de computadores. Eles acham que o Brasil é um País agrícola. Não deve ter senão indústria de mercado interno, têxtil, calçados, cimento, essas coisas que sempre tivemos.

Como os Estados Unidos estão perdendo a concorrência para o Japão e a Alemanha e eles só tinham como mercado o Terceiro Mundo, a periferia (os EUA têm um enorme déficit comercial), eles precisam urgentemente de mercado. Então, se você põe para fora as multinacionais concorrentes e desindustrializa, você abre o mercado de importação. Se o projeto é este, refazer a divisão industrial do trabalho, de maneira que a América fique para os americanos do Norte, então está certo. Se não é, estão todos loucos. Ninguém é tão mau economista. Se do Gudin ao Bulhões, do Mário Henrique a mim, estamos todos de acordo que isto não funciona, deviam desconfiar que não funciona.

— Se correntes tão diversas discordam do que está sendo feito, que força política está levando o Brasil por este caminho?

Conceição Tavares — Você tinha que perguntar qual a força política que mantém a atual equipe econômica, sendo ela tão desacreditada nacional e internacionalmente. É a força da força. Não se trata nem de uma ditadura com uma visão cla-

ra: no caso do Chile havia uma visão clara, eles queriam aquilo. Mas aqui não: um Ministro diz uma coisa, outro diz outra. Eu tenho minhas dúvidas de que a cúpula dominante neste País saiba o que está ocorrendo. Eles delegaram durante 19 anos aos tecnocratas e agora não sabem o que está ocorrendo. Ao que eu tenho notícia, a maior parte dos altos escalões não sabia a posição da dívida externa em novembro do ano passado. Quando eu revelei, porque me foi mostrado lá fora, disseram que eu era catastrofista, mentirosa. Agora sabem. Mas não sabem o que fazer.

— Pelo menos a Constituição é respeitada?

Conceição Tavares — Atualmente, as instituições desse País — Justiça, Congresso etc. — não têm mais peso para o Governo. Não se respeita mais nem a Constituição revolucionária de 1967. Se ela fosse recuperada, para mim estava bom, porque é autoritária mas coerente. Com a Constituição, não se invocaria um adendo para fazer despesa ou outro para lançar um imposto e nem se tentaria retirar os supostos privilégios conquistados pelos bancários desde 1924. Também não seria possível existir esse decreto maluco que permite fazer um orçamento paralelo ao do Banco Central. Em pleno tempo fechado, de ditadura, os Ministros ouviam os empresários e seus colegas divergentes. Agora, o que você fala, cai no vazio.

Entrevista a

JOÃO SANT'ANNA, CECÍLIA COSTA E
ISABEL CHRISTINA PACHECO